

SONIA MARIA MAZZEI

ENVELOPE VIOLETA

Editora Penalux, 2020

Traco, aquela caligrafia, no cartão de aniversário. Afago as flores
mora em um envelope violeta. Quando criança atirava pedrinha
n assustadas e leves. Tão leves, por que não voam? Eu pensava.
Passou. Ainda estou aqui, à beira do lago, estancando meus soluços
em circo sem rede. Reconheço aquele traco, aquela caligr
reticências... Ah! Tenho certeza: a eternidade mora em um envelop
fazia. As rãs, grudadas nas pedras, pulavam assustadas e leves.
Lagartos desbravavam as heras. O tempo passou. Ainda estou aqui
um fio que por vezes se rompe. Queda livre em circo sem rede
e pulsam as palavras, os votos, o apraço, as reticências... Ah!
Um o som do mergulho e os círculos que a água fazia. As rãs, o
em cantoria. Camélias borrifavam perfume enquanto lagartos desto
atiram. Entre o que escrevo e o que sinto há um tênue fio que por
vo as flores borrifadas de perfume. São rãs e pulsam as palavra
brinhas no lago. Na memória permanecem o som do mergulho e
pensava. Pássaros cruzavam o jardim em cantoria. Camélias bori
us soluços, desviando das pedras que me atiram. Entre o que esc
caligrafia, no cartão de aniversário. Afago as flores borrifadas
em envelope violeta. Quando criança atirava pedrinhas no lag
sustadas e leves. Tão leves, por que não voam? Eu pensava. Pas
sou. Ainda estou aqui, à beira do lago, estancando meus soluços,
em circo sem rede. Reconheço aquele traco, aquela caligrافي
ticências... Ah! Tenho certeza: a eternidade mora em um envelop
fazia. As rãs, grudadas nas pedras, pulavam assustadas e leves.
Lagartos desbravavam as heras. O tempo passou. Ainda estou aqui
um fio que por vezes se rompe. Queda livre em circo sem rede

Flôres borrifadas de perfume. São reais e pulsam as palavras
nhas no lago. Na memória permanecem o som do mergulho e os
va. Pássaros cruzavam o jardim em cantoria. Camélias borrifava
duços, desviando das pedras que me atiram. Entre o que escrevo
ligrafia, no cartão de aniversário. Afago as flores borrifadas de
velope violeta. Quando criança atirava pedrinhas no lago. Na
eves. Tão leves, por que não voam? Eu pensava. Pássaros cruzavam
aqui, à beira do lago, estancando meus soluços, desviando das p
rede. Reconheço aquele traço, aquela caligrafia, no cartão o
Ah! Tenho certeza: a eternidade mora em um envelope violeta. Qua
is, grudadas nas pedras, pulavam assustadas e leves. Tão leves
desbravavam as horas. O tempo passou. Ainda estou aqui, à beiri
e por vezes se rompe. Queda livre em circo sem rede. Reconhe
lavras, os votos, o abraço, as reticências... Ah! Tenho certeza: a ete
ho e os círculos que a água fazia. As rãs, grudadas nas pedras,
borrifavam perfume enquanto lagartos desbravavam as horas. C
e escrevo e o que sinto há um tenue fio que por vezes se rompe. I
adas de perfume. São reais e pulsam as palavras, os votos, o a
lago. Na memória permanecem o som do mergulho e os círcul
Pássaros cruzavam o jardim em cantoria. Camélias borrifavam
cos, desviando das pedras que me atiram. Entre o que escrevo e
rafia, no cartão de aniversário. Afago as flores borrifadas de pe
elope violeta. Quando criança atirava pedrinhas no lago. Na o
'eves. Tão leves, por que não voam? Eu pensava. Pássaros cruzavam
aqui, à beira do lago, estancando meus soluços, desviando das p
rede. Reconheço aquele traço, aquela caligrafia, no cartão o

ENVELOPE VIOLETA

Reconheço aquele traço,
Aquele caligrafia,
No cartão de aniversário.

Afago as flores
Borrifadas de perfume.

São reais e pulsam as palavras,
Os votos, o abraço,
As reticências...

Ah! Tenho certeza:
A eternidade mora
Em um envelope
Violeta.

A MOÇA NA JANELA

Contemplava a névoa silente
Descendo sobre as casas,
A chuva repentina.

Prendia o cabelo
Para que o vento
O soltasse.

Amavam-se:
Ela e o vento.

Mas, cada momento é outro.

Ela gritou.
Ele urrou possessivo.

Sacudiu a casa,
Quebrou vidros,
Destruiu a paisagem.

E, sem piedade,
Arrastou a moça
Pelos cabelos.

SABIÁ

Sabia, sabiá
Que a vida
É pássaro
E passa
Sem se deixar
Prender?

Sabia, sabiá
Que a poesia é nuvem
E deságua
Sobre a folha em branco?

Sabia, sabiá?
Escrevo versos
Como quem reza e canta
Só para imitar sua voz.
Sabiá...

HISTÓRIA DA CAROCHINHA

Minha vida,
Feita de sonhos,
Desmoronou
Ao primeiro sopro
Do Lobo.

VIAGEM

Na mesma bagagem,
Levo angústia e prazer.
Curvo-me ao volume
Das gaiolas abarrotadas.

Um riacho me acompanha
Refresca meu rosto
Me dá de beber.

A outra margem está distante.

Sol e chuva
Desbotam meus cabelos.

Estou adernando.

Ventos abrem caminhos.
Cansado, pés sangrando,
Olhos embaçados,

Nem percebo que cheguei.

PRIMAVERA

Esta primavera,
Este cantor matinal
Que bem me vê
Sob os lençóis...

Ipês ao abrigo do céu:
“Elo entre o azul e o amarelo.”

Chuva fina
Garoando meus cabelos.

Esta pista de dança multicolor
Onde rodopio infinitamente
Até cansar.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Pona e Electra LT Std
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em dezembro de 2020.